

PRIMEIRAS ESTÓRIAS/ STORIES: ASPECTOS DA TRADUÇÃO DE GUIMARÃES ROSA PARA O INGLÊS

Camila Nathália de Oliveira BRAGA¹
Giacomo Patrocínio FIGUEREDO¹

RESUMO

Consoante com a concepção rosiana do novo gênero literário ao qual Guimarães Rosa nomeou 'estória', este artigo investiga aspectos da tradução de três estórias de *Primeiras estórias* para o inglês, sob a perspectiva das abordagens sistêmicas da tradução – baseadas na lingüística sistêmico-funcional de M.A.K. Halliday (1994) – focalizando, para tal fim, a organização temática dos textos. O sistema de Tema, segundo a gramática sistêmico-funcional, relaciona-se com a organização da informação em cada oração individualmente e, através delas, com a organização do texto como um todo. Assim, as escolhas temáticas e sua articulação ao longo do texto fornecem dados sobre as diferentes estruturas discursivas desenvolvidas por autores e tradutores, as quais são peças fundamentais nas diversas representações construídas nos textos, que alcançam desde o nível oracional até a configuração textual do gênero. A partir da identificação e classificação dos Temas, os dados foram analisados sistemicamente para reconhecimento de padrões de organização temática predominantes e interpretação das mudanças decorrentes do processo tradutório nesta organização. Os resultados apontam para uma configuração textual diferenciada nos contos traduzidos, indicando o gênero no qual a obra está inserida no contexto de língua inglesa – o conto (*short story*), e não a estória – como sua principal motivação textual.

Palavras-chave: *Primeiras estórias*, traduções, abordagens sistêmicas da tradução, lingüística sistêmico-funcional, organização temática, Guimarães Rosa.

ABSTRACT

Focusing on Guimarães Rosa introduction of an idiosyncratic literary genre which he named 'estória' and adopting a Systemic Functional Linguistics (SFL) approach to text production (both original and in translation), this paper investigates the thematic organization in three *estórias* from *Primeiras estórias*. Drawing on SFL view of the system of Theme as organizing information through particular choices at sentence level, and through the accumulation of these choices at text-level, it can be held that the linking of all sentence-level thematic choices provides data on the different discourse structures produced by an author and a translator. Moreover, thematic organization is fundamental to understanding the different representations construed in source and target texts spanning from sentence level to generic structure. In this paper, the thematic choices of the three *estórias* and their translations into English were systemically identified and analyzed, revealing thematic organization patterns and pointing out shifts in the translation process. The results indicate different textual configurations between the source texts and the target texts, mainly due to different generic characteristics from Rosa's genre conception, *estória*, in the Brazilian literary context and the conventional genre, short story, as it was translated into English.

Keywords: Translation Studies, systemic-functional linguistics, *Primeiras estórias*, thematic organization, Guimarães Rosa.

¹ Mestre em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Introdução

Guimarães Rosa inaugura em suas *Primeiras estórias* um novo gênero literário, que o autor denomina *estória*. Com ele, além de estabelecer uma narrativa curta em alternativa ao gênero *conto*, mais convencional, Rosa batiza suas estórias em contraposição à História, pois, segundo o escritor mineiro no prefácio de *Tutaméia*, as primeiras se ocupam do inventado e da ficção – ao contrário da segunda, baseada na descrição e nos fatos históricos, embora Rosa destaque desta última o matiz da fábula e do inacreditável. Publicado em 1962, *Primeiras estórias* possui vinte e uma estórias e é o primeiro livro de pequenas narrativas do autor, motivo a fundamentar a qualificação de ‘primeiras’ no título.

Com respeito à tradução de *Primeiras estórias* e de outras obras do escritor, os estudos de crítica literária freqüentemente apontam alguma padronização limitadora da escrita de Guimarães Rosa, como o faz Paulo Rónai (2001, p. 14) no próprio prefácio à obra: “toda a arte dos tradutores, ainda que disponham da virtuosidade de um Meyer-Clason, não pode deixar de atenuar-lhe a torrencial força expressiva”. Mais especificamente sobre aspectos da tradução da obra rosiana para a língua inglesa, em correspondência com seu tradutor alemão, Meyer-Clason, o próprio Guimarães Rosa manifesta sua insatisfação em relação a algumas das decisões tomadas pelo tradutor de *Grande Sertão* para o inglês (cf. MARCONDES, 2003), as quais revelam, em função de omissões e deslocamentos de interpretação, “uma *Weltanschauung*” diferente daquela do autor mineiro. Sob uma perspectiva discursiva, poucos estudos no Brasil têm se debruçado sobre aspectos da tradução de Guimarães Rosa para o inglês (cf. GOHN, 2003). Ainda no escopo dos estudos da linguagem, estudos lexicográficos têm sido realizados em relação às traduções italianas e alemãs de Rosa (cf. MENDES, 2003), mas não em relação às rescritas para o inglês. Cumpre apontar que estudos comparativos de aspectos coesivos e léxico-gramaticais das traduções da obra rosiana são praticamente inexistentes, sobretudo enfocando as traduções feitas em língua inglesa.

Neste ponto, os Estudos da Tradução, munidos de referenciais teóricos próprios, podem complementar os estudos já existentes sobre as traduções de Guimarães Rosa, e no caso em pauta, sobre a tradução de *Primeiras estórias* à língua inglesa, visando indagar quais aspectos léxico-gramaticais e coesivos contribuem para as representações apontadas pela crítica literária. Afinal, desde a concepção do título da obra nas duas línguas (*Primeiras estórias* e *The third bank of the river and other stories*), a simples retextualização da palavra ‘estória’ por ‘story’ revela uma outra tradução, muito mais complexa e profunda: aquela do gênero engendrado por Guimarães Rosa, inédito no português, por uma outra, cujas configurações relacionam-se mais ao gênero convencional da língua inglesa, *short story*, do que à proposta inovadora do ficcionista brasileiro.

Dentro do campo disciplinar Estudos da Tradução, várias são as perspectivas teóricas aptas para este tipo de análise e, dentre elas, encontram-se as abordagens sistêmicas da tradução que, a partir dos subsídios fornecidos pela lingüística sistêmico-funcional de M.A.K. Halliday, estão orientadas para uma abordagem discursiva do texto, visando “capturar a relação entre as formas internas da linguagem e seu uso em contextos de ação social” (THIBAUT, 1987, p. 607).

Desde a década de 1960, o próprio fundador da teoria tem demonstrado interesse pela tradução (HALLIDAY, McINTOSH, STREVENSON, 1964), e já em 1965, o lingüista inglês J. Catford analisa a tradução com base na teoria de Halliday. Mais especificamente no âmbito dos Estudos da Tradução, autores importantes como Hatim e Mason (1990) e Baker (1992), elaboraram propostas de estudos do texto traduzido com base na lingüística sistêmico-funcional. Os primeiros trataram das relações entre o tradutor e o autor do texto fonte, os leitores, os patrocinadores da tradução, e a própria função do tradutor; a segunda apresenta, sob a análise de categorias sistêmicas, problemas da tradução no

texto e amplia a análise para o nível do discurso. Estes estudos tiveram grande repercussão e constituíram passo importante na ratificação destas abordagens.

É de conhecimento amplo o debate sobre a utilização de aportes lingüísticos aos estudos de textos do discurso literário. De sua parte, aplicações da lingüística sistêmico-funcional a este discurso têm sido desenvolvidas pelo menos há três décadas, apontando configurações léxico-gramaticais e genéricas de textos literários, bem como representações construídas pelos autores em suas obras. Em seu artigo de 1973 sobre estilo, Halliday parte do questionamento sobre a relevância que poderia ter alguma instância lingüística para as formas literárias e afirma que se a ênfase for aplicada à semântica do texto literário, então, uma abordagem funcional poderia ser relevante para a investigação.

Outros exemplos de estudos sistêmicos sobre textos literários compreendem Torsello (1990) em análise de organização temática sobre o ponto de vista em um romance de Virginia Woolf; Martin (1997) aplicando o sistema de valoração sobre o texto de uma peça teatral de W. Russell, além de toda a tradição dos estudos em estilística de base sistêmico-funcional (cf. LEECH e SHORT, 1981; CARTER e SIMPSON, 1989; STOCKWELL, 2004).

A lingüística sistêmico-funcional também tem mostrado ser ferramenta importante para aplicações a textos literários no campo disciplinar dos Estudos da Tradução. Por exemplo, van Leuven-Zwart (1989) propõe um modelo para a investigação das mudanças na tradução de textos literários do espanhol para o holandês. Munday (1998) analisa sistemicamente a organização temática em um texto de García Márquez e em sua tradução para o inglês. Magalhães (2005) analisa a coesão lexical em um texto de J. Cortázar e suas traduções para o português e o inglês, e Pagano (2005) discute formas de análise e marcação da estrutura temática com respeito à tradução, aplicadas ao romance *Kim* de Rudyard Kipling e a contos de Gabriel Garcia Márquez traduzidos para o inglês e o espanhol.

Somando-se aos estudos literários realizados sobre a recepção da obra de Guimarães Rosa em tradução (PERRONE, 2000) e aos estudos lexicográficos acima mencionados, um estudo pautado pela abordagem sistêmica da tradução seria capaz de mapear, através das configurações léxico-gramaticais, as diferentes representações construídas nas línguas da produção textual, original e traduzida. Dentre os possíveis focos da análise textual sob a perspectiva sistêmico-funcional, a organização temática, por seu caráter constitutivo do fluxo da informação e, por conseguinte, da estrutura genérica, permite explorar a organização da informação em cada uma das orações de um texto individualmente e, por meio destas, a organização do texto como um todo. Assim, as escolhas temáticas e sua articulação ao longo do texto fornecem dados sobre as diferentes estruturas discursivas que o autor e o tradutor desenvolveram, as quais são peças fundamentais nas diversas representações construídas nos textos.

Este trabalho analisa a realização do elemento temático em três estórias – “A menina de lá”, “Sorôco, sua mãe, sua filha” e “Famigerado” – do livro *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, e de sua tradução para o inglês por Bárbara Shelby, *The third bank of the river and other stories*.

A secção seguinte é dedicada aos fundamentos teóricos utilizados para a análise, fornecendo uma breve descrição das três metafunções co-existentes na linguagem propostas pela lingüística sistêmico-funcional e, de maneira mais detida, da organização temática no nível oracional e textual. As escolhas temáticas nos contos que compõem o corpus deste trabalho foram analisadas a partir da lingüística sistêmico-funcional para o reconhecimento de padrões de organização temática predominantes e interpretação das mudanças nesta organização, decorrentes do processo tradutório. A terceira secção apresenta a análise dos dados coletados a partir da aplicação das categorias para a classificação dos Temas e sua discussão, procurando articular as informações indicadas no nível textual e sua relação com o gênero, dando destaque aos dados sobre a tradução.

Por último, a conclusão enfoca os resultados em termos das mudanças genéricas, temáticas e coesivas que contribuem para representações diferenciadas entre as estórias em português e os contos em inglês.

Fundamentos teóricos

A lingüística sistêmico-funcional entende a linguagem como instrumento que constrói representações da realidade através de escolhas funcionais para (i) o conteúdo ideacional da mensagem, relativo à experiência do falante sobre o mundo; (ii) o estabelecimento de alguma relação interpessoal entre o emissor e seus receptores; e (iii) a organização da sucessão dos eventos deste conteúdo em forma de mensagem, mediante a produção de textos. Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que o texto não é uma simples coleção de orações, mas pressupõe a organização semântica das unidades lingüísticas. Por este motivo, a lingüística sistêmico-funcional compreende o texto como uma unidade de significado realizada por orações. Na qualidade de unidades lingüísticas, as orações são construtos funcionais, nas quais se realiza a semântica das três metafunções constituintes da linguagem humana co-ocorrentes no ato da comunicação: ideacional, interpessoal e textual.

Halliday (2005, p. 200) declara que a linguagem constrói a experiência humana, por isto é ela que impõe ordem ao mundo. A metafunção ideacional da linguagem é responsável pela construção da experiência das coisas do mundo – tanto do “mundo externo” (como por exemplo os eventos, as outras pessoas e os objetos), quanto do “mundo interno” (por exemplo, sensações e pensamentos).

Uma outra função essencial da linguagem apontada por Halliday (2005, p. 200), é trocar significados nos quais o objetivo do emissor é provocar algum comportamento ou atitude de seu receptor. Deste modo, a metafunção interpessoal é responsável pelo tipo de interação estabelecida entre os interlocutores. Através desta metafunção, o falante se posiciona diante do discurso que constrói. Assim, relações de poder entre os interlocutores, bem como as de polidez, subserviência, oferta, ordem, pedido, entre outras, são encenadas mediante a metafunção interpessoal.

Além de transmitir estas duas funções, o emissor necessita organizar as informações que deseja transmitir, de modo a deixar clara para seu receptor a forma pela qual os conteúdos ideacionais que comunica se ligam uns aos outros. Necessita igualmente explicitar o tipo de interação que pretende estabelecer com o receptor e o grau de validade do texto que constrói. Desta forma, é preciso transformar estes conteúdos em mensagem. Para tanto utiliza a metafunção textual, especificamente a organização temática.

Em relação à organização temática, Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que as línguas possuem diferentes elementos proeminentes da oração. Algumas delas, como o japonês, utilizam um morfema para tal marcação. Já outras, como o inglês, as línguas germânicas e as românicas, realizam a porção proeminente da oração colocando-a na posição inicial. Sob a metafunção textual, esta posição é denominada Tema e funciona como o ponto a partir do qual a informação é desenvolvida.

A posição temática se estende do início da oração até o primeiro elemento significativo do ponto de vista da construção de significados, isto é, o elemento ideacional (relativo ao conteúdo ideacional da mensagem). O restante da oração constitui o Rema. O Tema é sempre o ponto de partida para a mensagem, por isto funciona também como pano de fundo para a interpretação do Rema. O conjunto dos Temas realizados em um texto é um dos responsáveis estruturais (isto é, no nível oracional) pela determinação do

fluxo de informação. Além deste, as unidades de informação do sistema de informação, concomitantes à organização temática, respondem também pelo fluxo.

Além de sua função de pano de fundo para a mensagem, o Tema também adiciona informação nova à informação dada, fazendo de cada oração a base para se compreender a oração seguinte; com isto, a maneira como o conjunto dos Temas de um texto é disposta o caracterizará como determinado tipo de mensagem (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

Os Temas ideacionais são compostos por qualquer um dos elementos experienciais da metafunção ideacional. Estes podem ser processos, circunstâncias, orações dependentes ou participantes. Halliday (1994) esclarece que o Tema pode estar constituído por, além dos elementos experienciais, elementos interpessoais e textuais. Vale lembrar que os elementos interpessoais indicam a avaliação do emissor e a interação com seu receptor. Já os elementos textuais constroem as relações lógicas entre as partes do texto, formando uma unidade coerente. A Tabela 1 apresenta a análise de orações retiradas da estória “Famigerado” e de sua tradução para o inglês “Notorious” nas quais estão destacados Temas dos tipos textual, interpessoal, ideacional.

| | | | |
|----------------|---------------------|-------------------|---|
| E | o que | é | que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana? |
| And now | will | you | do me a good turn? |
| <i>textual</i> | <i>interpessoal</i> | <i>ideacional</i> | <i>Rema</i> |
| <i>Tema</i> | | | |

Tabela 1. Temas em língua portuguesa e inglesa

Os Temas também podem ser classificados conforme a expectativa de quais elementos deveriam aparecer em posição temática. Nas orações declarativas de sistemas lingüísticos que operam como os das línguas românicas e da língua inglesa, é comum que o participante ocupe a posição temática, realizando também a função de Sujeito da metafunção interpessoal. Thompson (2002, p. 120) afirma que Sujeito e Tema nesta situação são fundidos (*‘conflated’*).

O padrão típico para as orações declarativas em línguas como o português e o inglês é estabelecido quando há uma realização que funde o Sujeito, um dos participantes do Processo, na metafunção ideacional e o Tema (metafunção textual). Quando isto acontece, considera-se o Tema como não-marcado, pois este é o tipo de realização mais comumente esperado na língua. Por outro lado, o Tema é marcado quando sua realização é diferente deste padrão. No modo declarativo a escolha temática não marcada é o Sujeito. Assim, outros elementos ideacionais, como as circunstâncias, orações dependentes, ou outros participantes que não são o Sujeito, são considerados opções marcadas. Martin e Rose (2003) afirmam que a escolha de Temas marcados os torna mais proeminentes por serem atípicos, criando um efeito diferente no fluxo do discurso.

O Tema é uma função textual da linguagem realizada como ponto de proeminência no desenvolvimento da mensagem. Assim, mesmo quando estiver elíptico, ainda assim é do Tema que a informação parte. Este caso é evidente na língua portuguesa quando o Tema é também o Sujeito e participante no processo. Apesar de a nossa língua poder prescindir da realização do Sujeito textualmente – e recuperá-lo por coesão na desinência verbal – ainda assim continua sendo o Tema.

Orações que não apresentam estrutura de transitividade e tampouco de modo são consideradas “orações menores” e não possuem Tema ou Rema. Os exemplos seguintes,

na Tabela 2, são orações menores extraídas de “Sorôco, sua mãe, sua filha” e da tradução para o inglês “Sorôco”:

| |
|--|
| Aquilo quase no fim da esplanada, do lado do curral de embarque de bois, antes da guarita do guarda-chaves, perto dos empilhados de lenha. |
| But only for a second. |

Tabela 2. Orações menores

Como exemplo do desenvolvimento temático e do fluxo de informação, apresenta-se aqui um excerto do primeiro parágrafo do *Grande sertão: veredas*. Os Temas estão sublinhados ou, no caso de elipse indicados pelo símbolo Ø, as orações menores estão destacadas em itálico e as opções mais esperadas de Tema, conquanto não realizadas nesta posição, estão entre colchetes.

– *Nonada*. Tiros, que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Ø Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. *Por meu acerto*. Todo dia isso [eu] faço, Ø gosto; *desde mal em minha mocidade*. Daí, Ø vieram me chamar. *Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser – se viu –; e com máscara de cachorro*. Ø Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, [o bezerro] arrebicado de beijos, esse figurava rindo feito pessoa. *Cara de gente, cara de cão*: determinaram – Ø era o demo. *Povo prascóvio*. Ø Mataram. Dono dele nem sei quem for. Ø Vieram emprestar minhas armas, Ø cedi. Não tenho abusões. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente – depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, [eles] dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito [sertão]? *Ah, que tem maior!* Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oestes. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte.

Este excerto do *Grande sertão...* apresenta número significativo de pronomes elípticos Temas das orações, algumas orações menores, como por exemplo, “Nonada” e “Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser – se viu –; e com máscara de cachorro”, assim com Temas marcados: “Todo dia isso eu faço, gosto;” e “Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão?”.

Enfatizando-se que o Tema é o ponto de partida para a mensagem, pode-se, então, dizer que a mensagem apresentada neste excerto parte de pontos diferentes. Os Temas que correspondem aos Sujeitos realizados por pronomes elípticos sinalizam um contraponto do texto entre “eu” e “eles”, sendo que este segundo pronome tem referentes diferentes: aqueles que matam e aqueles que, de fora, querem impor ordem ao sertão. Os Temas marcados são circunstâncias nas quais os processos acontecem, ou orações dependentes que ambientam a informação apresentada. Assim, a profusão de pontos de partida para a mensagem, aliada às orações menores, gera várias ações em meio a imagens, conferindo a condensação de muitas unidades de informação em um trecho resumido como este.

Além disto, observa-se, que o fluxo de informação não é desenvolvido exatamente pela posição temática marcada, mas, pelos elementos de informação dada através dos quais a mensagem é desenvolvida e nos quais identificam-se os picos de proeminência

da informação responsáveis por construir uma linha de desenvolvimento da mensagem.

Nonada. TIROS, que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. EU Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. *Por meu acerto.* Todo dia isso [eu] faço, gosto; *desde mal em minha mocidade.* Daí, ELES vieram me chamar. *Causa dum bezerro: um bezerro branco, eroso, os olhos de nem ser – se viu –; e com máscara de cachorro.* ELES Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, O BEZERRO arribado de beijos, esse figurava rindo feito pessoa. *Cara de gente, cara de cão:* ELES determinaram – era o demo. O POVO *prascóvio.* ELES Mataram. Dono dele nem EU sei quem for. ELES Vieram emprestar minhas armas, EU cedi. EU Não tenho abusões. O SENHOR ri certas risadas... O SENHOR Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente – depois, então, se vai ver se deu mortos. O SENHOR tolere, isto é o SERTÃO. UNS querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, [ELES] dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. PARA OS DE CORINTO E DO CURVELO, então, o aqui não é dito [sertão]? *Ah, que tem maior!* LUGAR SERTÃO se divulga: LUGAR SERTÃO é onde os pastos carecem de fechos; LUGAR SERTÃO onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e LUGAR SERTÃO onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O URUCÚIA vem dos montões oestes. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá fazendões de fazendas, almargem de varegens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O GERAIS corre em volta. ESSES GERAIS são sem tamanho. Enfim, CADA UM o que quer aprova, O SENHOR sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O SERTÃO está em toda parte.

Assim a proeminência de informação no texto teria a seguinte configuração: [tiros] → [eu] → [eles] → [o bezerro] → [eles] → [eu] → [o senhor] → [o sertão] → [uns] → [o urucúia] → [o gerais] → [cada um] → [o sertão].

Quanto ao desenvolvimento, por vezes a informação está em posição remática e depois é apresentada como Tema, como, por exemplo em:

Tiros, que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. → O senhor ri certas risadas
O senhor tolere, isto é o sertão. → Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos.

Em outras realizações, o mesmo elemento é colocado na posição temática por mais de uma vez, ao qual se acrescentam diferentes informações:

Lugar sertão se divulga: [lugar sertão] é onde os pastos carecem de fechos; [lugar sertão] onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e [lugar sertão] onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade.

Aliando-se as duas perspectivas de análise – Temas não-marcados, marcados e, neste caso, Temas esperados, mas que não foram realizados nesta posição – e os picos de proeminência da informação observa-se neste excerto como os conteúdos ideacionais são veiculados na mensagem sob várias perspectivas diferentes.

O Tema em nível textual

Uma outra perspectiva para o estudo do Tema é observar qual sua importância na composição do discurso. Martin *et alli.* (1997, p. 26) constatam que o Tema opera em unidades maiores que a oração e propõem analisar a organização temática em unidades maiores, como o parágrafo, capítulo, ou até mesmo um livro completo. Martin e Rose

(2003) afirmam que a informação possui periodicidade determinada, fluindo em ondas, na qual cada onda comporta determinada porção compreensível do discurso. A informação sempre flui preparando o receptor, expondo a informação e, por fim, revisando o conteúdo comunicado. O discurso se faz por picos de proeminência de informação seguido de partes menos proeminentes. Estes picos – as cristas nas ondas – são determinantes para o modo como o restante da informação é compreendido.

Considerando-se a oração como uma onda de informação, observa-se sua crista no Tema. O restante da oração, de menor proeminência, é a informação nova ou o Novo. É possível se analisar a divisão entre Tema e Novo em unidades do discurso maiores que a oração. Em 1997, Martin et alli. afirmam que a escolha de uma oração em particular determina como o restante da informação é desenvolvido no texto (p. 22) incumbindo, assim, a determinadas orações-Tema o papel de introduzir as idéias do discurso. Estas orações são chamadas de hiperTemas (MARTIN e ROSE, 2003, p. 182) e acontecem sempre no nível do parágrafo. Contudo, o princípio temático se estende a unidades ainda maiores, num nível mais amplo do discurso, os macroTemas.

Compreendendo-se que é sempre o emissor que escolhe o ponto de partida da mensagem, e que é a partir deste ponto que o restante dela será interpretado, observar a organização temática na narrativa do gênero estória pode revelar como Guimarães Rosa utiliza recursos da organização temática para construir uma representação em sua estória. Estas escolhas temáticas podem apontar para características desta narrativa peculiar relativas às recém-estabelecidas convenções deste gênero.

No presente trabalho, foi realizada tanto a análise individual das orações como o mapeamento macrotemático. Foi realizada uma análise qualitativa dos dois primeiros parágrafos de cada conto, considerando-se o papel relevante que os parágrafos iniciais desempenham na organização do conto como um todo, apresentada e discutida na seção seguinte.

Análise de dados e discussão

Aplicando-se a proposta de Martin e Rose (2003) a *Primeiras estórias*, a primeira oração de cada estória funciona como hiperTema do parágrafo no qual esta está inserida; o título opera como macroTema da estória e, finalmente, o nome “primeiras estórias” ocupa a posição de um amplo macroTema de toda a obra, conforme a representação das **Figuras 1 e 2**.

Um conceito relevante sobre esta configuração macrotemática é que um Tema subordinado é sempre interpretado a partir de um outro, hierarquicamente superior. Portanto, quanto mais amplo o Tema, maior será a quantidade de informação subsequente interpretada sob a ótica dele, ao mesmo tempo em que se fará reverberar em maior número de unidades de informação. Assim, o título da obra, *Primeiras estórias*, seria o grande macroTema, sob o qual estaria subordinado todo o texto contido nas páginas do livro. Uma conclusão importante desta observação é que nenhuma das pequenas narrativas apresentadas no volume poderia ser interpretada como pertencente a outro gênero literário que não a estória. Igualmente, não seria possível conceber que poderia haver outras estórias anteriores a estas, visto que são as primeiras.

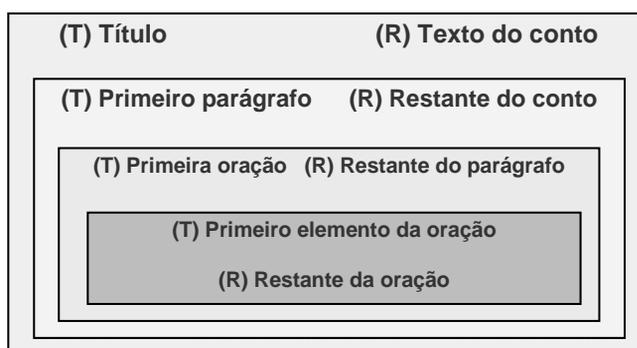


Figura 1 – Representação de Temas, hiperTemas e macroTemas

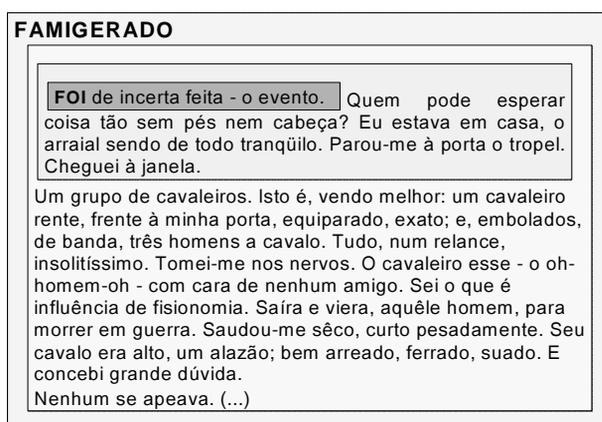


Figura 2 – Exemplo de Temas, hiperTemas e macroTemas

Desde este macroTema mais amplo, o texto em língua inglesa caminha para outra representação da obra rosiana. Devido ao fato de o livro se chamar *The third bank of the river and other stories*, o leitor deste texto não tem informação sobre a condição de “primeiras” destas estórias. Além disto, “A terceira margem do rio/ The third bank of the river” ganha maior proeminência pelo fato de ser a informação mais relevante no volume desde sua apresentação como pico de informação no macroTema mais amplo. Inclusive, a própria configuração do título dá à obra em inglês um caráter de coletânea de contos, apresentando-se o mais “famoso” e em seguida recheando-se o volume com outros textos.

Contudo, chama mais atenção a distinção entre estória e *story*. A primeira é parte do projeto rosiano de fundar um novo gênero, a segunda, gênero convencional do arcabouço literário em língua inglesa. Deste modo, os leitores da obra em português são convidados ao ingresso em algo novo e inusitado, enquanto os da língua inglesa, sentem-se, de alguma forma, familiarizados com os textos que lêem.

A partir desta configuração macrotemática, foram selecionados os dois primeiros parágrafos de cada estória, tomados como a proeminência de informação transmitida pelo restante do texto, a fim de se realizar uma análise do Tema de cada oração individual. Seguem os dois primeiros parágrafos das estórias nos textos original e traduzido, sendo os Temas sublinhados. Orações sem estrutura temática, ou seja, orações menores foram grafadas em itálico.

“Famigerado” / “Notorious”

Foi de incerta feita o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranqüilo. Parou-me à porta o tropel. Ø Cheguei à janela. *Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo. Tudo, num relance, insolitíssimo.* Ø Tomei-me nos nervos. *O cavaleiro esse o oh-homem-oh com cara de nenhum amigo.* Ø Sei o que é influência de fisionomia. Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra. Ø Saudou-me seco, curto pesadamente. Seu cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado. E Ø concebi grande dúvida.

IT WAS FUNNY the way it happened. Who would have expected a thing like that with no head or tail to it? I was indoors and the settlement was quiet. When the hoofbeats stopped at my door, I went to the window.

It was a group of men on horseback. That is, when I took a closer look I saw one rider, all fitted out, right at my door, and three others bunched up together. I saw it all at a glance, and it was mighty unusual. Took a grip on my nerves. That one rider – man oh man, he was a mean-looking cuss. I know how a man’s face can brand him for life, and that man was born to die fighting. He gave me a dry, short, heavy hello. He was riding a tall sorrel horse, well harnessed and saddled and shod, and sweating. And I began to be afraid something bad was in store for me.

A dúvida a que se refere o narrador nesta estória é construída pelo autor através de alguns recursos desta narrativa: grande quantidade de orações sem estrutura de tematização, ou orações menores, e várias orações cujo Tema é um Sujeito realizado por pronome elíptico.

Como as estruturas de orações menores não possuem transitividade, isto é, não é possível identificar participantes ou processos, produzem o efeito de pura imagem no texto; deste modo, são importantes para a proximidade entre a estória e o sonho, almejada pelo autor. O personagem-narrador de “Famigerado” é apenas capaz de descrever imagens que vê, não lhe sendo possível dar sentido além do visual, como em “Um grupo de cavaleiros” ou “Tudo num relance, insolitíssimo”. Ele está incerto quanto aos acontecimentos, não sabe quem são aqueles homens a cavalo, muito menos suas intenções, e carece de entendimento quanto ao que lhe pode ocorrer. Na versão em língua inglesa, não há orações menores; todas as imagens foram retextualizadas como orações com estrutura de transitividade e, portanto, temática. Com isto, fatos, eventos e participantes são passíveis de identificação, podendo indicar maior compreensão da experiência, pois é possível narrá-los, o que, ao contrário da proposta para o gênero, faz o texto em inglês se aproximar da história e da verdade histórica, configurando em menor grau que o texto em português a transgressão e a descontinuidade. É possível perceber este fenômeno quando se observam as orações em inglês que no texto brasileiro eram orações menores, por exemplo: “It was a group of men in horseback.”, ou “I saw it all at a glance, and it was mighty unsual.” Os Temas escolhidos pela tradutora *It, I, e it* também são característicos de orações usuais de uma narrativa convencional.

Como foi apontado no texto original, vários Temas são Participantes realizados por pronomes elípticos, e grande parte dos processos vinculados a esses Participantes são materiais, pois designam ações físicas: “Tomei-me nos nervos.” “Saíra e viera (...)” “Saudou-me seco.” Este tipo de escolha temática – Participantes elípticos – sinaliza maior rapidez na sucessão de eventos. A intercalação entre eventos rápidos e imagens – processos em posição temática e orações menores – são a expressão textual da confusão do personagem-narrador.

Já no texto em inglês, na conclusão do personagem-narrador – “And I began to be afraid something bad was in store for me.” – a escolha do epíteto “bad” sinaliza que o

narrador concebe de início os cavaleiros como jagunços e ameaça à sua vida; por isto se aproxima muito mais do narrador convencional, distanciando-se do “sonhador” da estória. O entendimento do acontecido pelo personagem do texto alvo é fortalecido pela diferença na quantidade de pronomes pessoais em primeira pessoa ocupando a posição temática nos parágrafos analisados: há apenas uma posição temática ocupada pelo pronome “eu”, sendo que em inglês são quatro ocorrências do pronome “I”. Quando irrompem os acontecimentos da chegada do jagunço: “Saudou-me seco”. “Seu cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado.”, a tradutora optou por construir o fluxo da informação enfocando um dos Participantes através do pronome “he” em posição temática: “He gave me a dry, short, heavy hello.” “He was riding a tall sorrel horse, well harnessed and saddled and shod, and sweating.”, conferindo maior organização às idéias da narrativa, pois justamente pelo fato de um padrão ser mantido, cada unidade de informação se encaixa no que o receptor espera.

“Sorôco, sua mãe, sua filha” / “Sorôco”

Aquêlê carro parara na linha de resguardo, desde a véspera, tinha vindo com o expresso do Rio, e Ø estava lá, no desvio de dentro, na esplanada da estação. Ø Não era um vagão comum de passageiros, de primeira, só que mais vistoso, todo novo. A gente reparando, notava as diferenças. *Assim repartido em dois, num dos cômodos as janelas sendo de grades, feito as de cadeia, para os presos.* A gente sabia que, com pouco, êle ia rodar de volta, atrelado ao expresso daí de baixo, fazendo parte da composição. Ø Ia servir para levar duas mulheres, para longe, para sempre. O trem do sertão passava às 12h45m.

As muitas pessoas já estavam de ajuntamento, em beira do carro, para esperar. As pessoas não queriam poder ficar se entristecendo, Ø conversavam, cada um porfiando no falar com sensatez, como sabendo mais do que os outros a prática do acontecer das coisas. Sempre chegava mais povo o movimento. *Aquilo quase no fim da esplanada, do lado do curral de embarque de bois, antes da guarita do guarda-chaves, perto dos empilhados de lenha.* Sorôco ia trazer as duas, conforme. A mãe de Sorôco era de idade, com para mais de uns setenta. A filha, êle só tinha aquela. Sorôco era viúvo. Afora essas, não se conhecia dêle o parente nenhum.

THE RAILROAD CAR had been on the siding since the night before. It had come with the express train from Rio, and now it was there on the inside track near the station platform. It was new and shiny showier than an ordinary first class passenger car. When you looked at it you could see how different it was. It was divided into two parts, and in one of the sections the windows were barred like the windows in a jailhouse. It had come to take two women far away, for good, on the train from the outback which always went by at twelve forty-five.

A crowd had begun to gather around the car, just waiting. Not wanting to make a sad occasion of it, they talked among themselves, each one trying to speak more reasonably than the others in order to show his wider practical knowledge of the way things were. More and more people arrived. There was a continuous stirring toward the end of the platform, next to the corral where cattle were loaded onto the train; just this side of the woodpiles was the switchman’s lookout house. Sorôco was going to bring both women; he had agreed it had to be done. Sorôco’s mother was old, at least seventy. As for the daughter, she was the only child he had. Sorôco was a widower. As far as anyone knew he had no other kin at all.

Guimarães Rosa segue nesta estória os padrões textuais do gênero estória, como por exemplo, a presença imagética forte das orações menores: “Assim repartido em dois, num dos cômodos...”. Quanto ao texto em inglês, observa-se a constante preferência por transformar as imagens em fio narrativo, retextualizando assim o trecho acima: “It was divided in two parts, and in one of the sections the windows were barred like the windows in a jailhouse”.

Outra verificação importante é a discrepância no destaque dado ao elemento

ideacional em posição temática nos dois textos. Como é sabido, o português possui algumas formas de expressar impessoalidade: a voz passiva, o uso da partícula “se”, os pronomes “você”, “nós”, e “a gente”. Um Tema ideacional bastante usado por Guimarães Rosa nesta estória é o impessoal “a gente”. Assim, Guimarães Rosa funde uma multiplicidade de vozes, mas, ao mesmo tempo, inclui o narrador – e até o leitor – como participantes na estória de Sorôco. No final da estória, a impessoalidade é abandonada e o lugar é ocupado completamente pelo “a gente” que corresponde à primeira pessoa do plural, colocando narrador e leitor como integrantes na cantoria solidária a Sorôco: “A gente estava levando agora o Sorôco para a casa dêle, de verdade. A gente, com êle, ia até aonde que ia aquela cantiga”.

A língua inglesa também possui mecanismos para a expressão da impessoalidade: a voz passiva, os pronomes “one”, “you” e “we”. Todavia, a tradutora optou por retextualizar o pronome “a gente” por “you”. Com isto, o narrador apresenta de maneira mais isenta a história, deixando o leitor como mero ouvinte, distante da narrativa. Isto segue até o último parágrafo quando se lê: “Now we were really taking Sorôco home. We were going with him, as far as that song could go.” Com esta escolha temática de “we”, a tradutora inclui, bruscamente, o narrador como personagem de sua narrativa, uma surpresa que dificulta a produção do efeito de vertigem de identidade proposto por Rosa.

“A menina de lá” / “The girl from beyond”

Sua casa ficava para trás da Serra do Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus. O Pai, pequeno sitiante, lidava com vacas e arroz; a Mãe, urucuiana, nunca tirava o têrço da mão, mesmo quando matando galinhas ou passando descompostura em alguém. E ela, menininha, por nome Maria, Nhinhinha dita, nascera já muito para miúda, cabeçudota e com olhos enormes.

Não que parecesse olhar ou enxergar de propósito. Ø Parava quieta, Ø não queria bruxas de pano, brinquedo nenhum, sempre sentadinha onde se achasse, pouco se mexia. “Ninguém entende muita coisa que ela fala...” dizia o Pai, com certo espanto. Menos pela estranhez das palavras, pois só em raro ela perguntava, por exemplo: “Êle xurugou?” e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia. *Mas, pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido. Com riso imprevisto: “Tatu não vê a lua...”* ela falasse. Ou Ø referia estórias, absurdas, vagas, tudo muito curto: da abelha que se voou para uma nuvem; de uma porção de meninas e meninos sentados a uma mesa de doces, comprida, comprida, por tempo que nem se acabava; ou da precisão de se fazer lista das coisas tôdas que no dia por dia a gente vem perdendo. *Só a pura vida.*

SHE LIVED behind the Sierra of Mim, in the middle of a swamp of clean, clear water, in a place called Fear-of-God. Her father, a small farmer, struggled along with a few cows and a patch of rice; her mother, a native of Urucúia, never put down her rosary, even when she was killing chickens or blessing out somebody. The little girl, named Maria Nhinhinha, they called her was always a little bit of a thing, but she had a big head and enormous eyes.

[It is] Not that she ever seemed to stare at things. She stayed quietly in her place, had no interest in rag dolls or other toys, but sat still, hardly moving, wherever she happened to be. “Nobody understands much of what she’s talking about,” said her bewildered father. It was not so much that she used strange words, although once in a while she would inquire, for instance: “Did she surego?” – but who or what she was talking about, no one was ever quite sure. Even more baffling was the oddness of her judgments about things, and the embellishments she might exclaim, with a burst of sudden laughter. Sometimes she told snatches of vague, absurd little stories: about a bee who flew up to a cloud; or a great many girls and boys sitting at a long, long table covered with cakes and candy, time without end; or the need to make a list of all the things people lost day after day.

Em *Primeiras estórias*, Guimarães Rosa apresenta personagens loucos, sobrenaturais, fantasmagóricos; crianças, velhos, animais, entre outros. Assim é a estória de Nhinhinha, a menina de lá, com poderes sobrenaturais, ao que parece, provocados por alguma doença – causa, pouco tempo depois, de sua morte – e do lugar capaz de gerar tal personagem, o Temor-de-Deus.

Analisando a seqüência de Temas no primeiro parágrafo, vê-se o narrador apresentando os elementos que compõem a cena em Temor-de-Deus: a casa, o pai, a mãe e finalmente, Maria, Nhinhinha dita, introduzida ao final do primeiro parágrafo, dividindo a importância de sua presença com a dos outros personagens, cada um sendo um pico de proeminência na informação realizado em posição temática, pois, como se pode constatar na seqüência da estória, o papel de Nhinhinha no enredo não é maior, mas extraordinário em relação aos dos outros personagens.

Os Temas na versão inglesa são: she, her father, her mother, the little girl. No inglês, a menina se destaca em relação aos outros personagens porque o primeiro Tema trata dela de forma direta; os dois seguintes, “her father” e “her mother”, de forma indireta; e o último retoma ainda a menina: “the little girl”. Além disto, a análise mostra a presença de Temas referentes à menina, como “she”, “her”, “the girl”, em número bastante superior na tradução. Como se percebe na tradução, o Temor-de-Deus (Fear-of-God), tem menor importância no desenrolar dos eventos devido a não receber proeminência temática. Tampouco a têm o pai e a mãe, que, desde o início, são apresentados como secundários. Em português os nomes do pai e da mãe são inclusive grafados com maiúsculas, o que segundo Martin e Rose (2003) lhes daria destaque na onda de informação devido a receberem marcação gráfica especial, sobressaltando ainda mais a diferença na importância destes personagens para os dois textos.

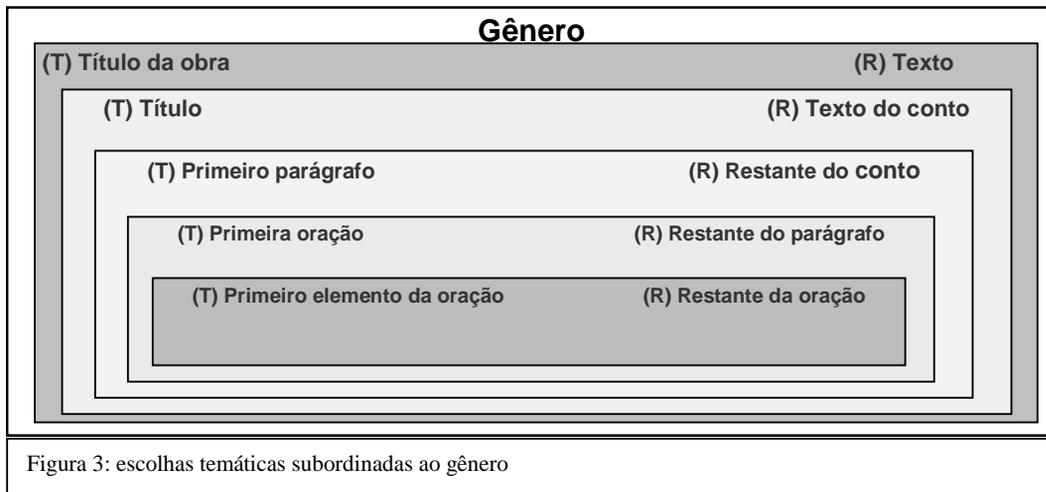
Em cada uma das estórias separadamente, os resultados obtidos com a classificação temática indicam mudanças na apresentação de cada unidade de informação. De forma peculiar, os Temas nas estórias em português revelam uma preocupação do autor em seguir uma escrita em consonância com uma narrativa mais próxima da fantasia e, mais importante, que se distancie dos padrões esperados para uma narrativa da História. Já em inglês, a tradutora procurou retextualizar as estórias de uma forma que a informação nas orações fosse apresentada correspondendo às formas mais esperadas em uma narrativa convencional, com uma organização temática, em sua maioria, que conflui informação dada com o Tema e informação nova com o Rema, além de procurar utilizar mais Temas não-marcados que o texto em português e substituir as orações menores por configurações do sistema de transitividade, explicitando os participantes e os processos nos quais se envolvem.

De forma conjunta, a análise das estórias aponta para uma estrutura da organização da informação do texto brasileiro em que a proeminência da informação não está apenas nos Temas mais esperados, como acontece na maior parte dos gêneros narrativos, mas, em grande medida, na ambientação dos participantes (Temas marcados circunstanciais e oracionais) em intercalação com orações menores, promovendo um efeito de fornecer múltiplas perspectivas das unidades de informação principais (os Temas esperados, ainda que não realizados em posição temática), pois a cada realização lhes é acrescentado um pico de proeminência de informação juntamente com imagens, sem configuração no desenvolvimento da experiência narrada. No texto em inglês, a maior parte das realizações temáticas se faz por meio de opções esperadas que raramente são intercaladas com orações menores. Assim, a informação realiza-se de Tema a Tema, diminuindo a profusão característica do texto rosiano.

No nível macrotemático mais amplo, talvez seja possível encontrar a discrepância que orientou tanto a concepção do texto de Rosa, quanto o projeto de tradução de Shelby. Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que é a organização textual o determinante para que um texto seja caracterizado como pertencente a um tipo textual específico. Assim, os

macroTemas maiores realizados nos textos examinados, como os títulos dos volumes, parecem determinar como a organização textual é realizada em cada estória, nas ondas menores e em cada micro-onda, nas orações. Em Rosa, a organização textual é de estória, ao passo que a de Shelby é de história.

A tradução de ‘estória’ por ‘*story*’ pode fornecer informação para um macroTema ainda mais amplo, que extrapola a organização nos textos, mas que os determina, a saber, a constituição genérica. Assim, em um nível mais amplo que o título dos livros, este formato genérico estaria reverberando em todas as escolhas temáticas das obras conforme representação na **Figura 3**:



As estórias são antagônicas à simples narração de eventos ou descrição de locais e personagens, mediante o uso da invenção de tipos e acontecimentos extraordinários, o que, segundo o próprio autor, beira a anedota (ROSA, 1976, p. 3). Guimarães Rosa rompe, neste volume, com a verdade histórica; a estória tem como produto o vazio – jamais o fato. Paulo Rónai, no prefácio às *Primeiras estórias*, acrescenta que a narrativa das estórias “envolve-se numa aura mágica, num halo de maravilhosa ingenuidade, que as torna visceralmente diferentes de quaisquer outras” (RÓNAI, 2001, p. 17). A retextualização do romance para o inglês, ao nomear as outras estórias além de “A terceira margem do rio” como *stories* – a coletânea ganha o título de *The third bank of the river and other stories* – contribui para uma representação do gênero literário proposto como inovação por Guimarães Rosa de forma convencional, uma vez que *stories* é o nome de um gênero literário já consagrado na literatura de expressão em língua inglesa.

Semelhantemente aos resultados desta análise, no seu trabalho de 1998, J. Munday analisa a organização temática de um conto de García Márquez para o inglês e verifica uma retextualização de maneira a contemplar formas mais esperadas para o gênero conto na língua alvo. O analista acrescenta que, após conversar pessoalmente com a tradutora de García Márquez, ela revelou que a orientação editorial recebida era produzir um texto como se tivesse sido escrito em língua inglesa. Assim, caberia a pergunta: será que a tradutora Barbara Shelby poderia ter tido o mesmo tipo de orientação? No prefácio de *Primeiras estórias*, Paulo Rónai afirma que esta obra “se transformou em artigo de exportação: farejada pelos noticiaristas literários, descoberta por editores da Europa e da América, transportada a duras penas para as grandes línguas de cultura”. Esta afirmação corrobora a idéia de a obra de Guimarães Rosa não ter sido apenas uma tarefa de tradução mas, igualmente, um projeto editorial e mercadológico. Não seria coincidência, portanto, verificar que a tradução da obra foi publicada em 1968, época em que muitos autores latino-americanos foram traduzidos e suas obras bastante consumidas

nos Estados Unidos. A título de exemplo cumpre observar que Barbara Shelby traduziu, além de *Primeiras estórias*, diversos romances do escritor Jorge Amado, cuja obra também foi muito disseminada pelo que se convencionou chamar de o *boom* tradutório latino-americano (cf. índice de tradutores in CLASSE, 2000 e VIEIRA, 2000).

Conclusão

Este artigo examinou a organização temática em três contos do livro *Primeiras estórias* de Guimarães Rosa, juntamente com suas traduções por B. Shelby para o inglês e mostrou como a apresentação e a tematização dos elementos componentes da narrativa (personagens, espaços, eventos, entre outros) contribuíram para a construção de um novo gênero, a estória.

Os dados revelaram escolhas distintas para a organização textual das obras no nível da oração, fruto de outras escolhas em nível textual e, mais amplamente, genérico. Rosa escolheu uma organização textual correspondente à sua nova forma narrativa, contrária à convencional, na qual pudesse prescindir de uma ordem esperada para a apresentação de informação nova no desenvolvimento do texto. A tradutora percorreu outro caminho, buscando organizar o texto de forma a soar mais semelhante ao gênero *short story*, conhecido do público do texto alvo, no entanto, diferente da proposição rosiana.

Este artigo foi realizado com referencial teórico da lingüística sistêmico-funcional, que demonstrou ser capaz de oferecer categorias articuladas de forma a revelar as realizações lingüísticas em relação a seu contexto e como escolhas no nível oracional referem outras, textuais e genéricas, mais amplas. Assim, escolhas de Guimarães Rosa, como a intercalação entre Temas marcados para instâncias transitivas em meio aos absolutos revela uma narrativa descontínua permeada por imagens nas quais não se pode atribuir papéis experienciais ou temáticos a participantes/ personagens.

A análise lingüística da tradução evidenciou ser possível transcender análises mais enfocadas em aspectos lexicográficos, recorrentes em relação às traduções da obra de Guimarães Rosa, e utilizar categorias que possam iluminar as diferentes escolhas lingüísticas no texto e correlacioná-las a outras, discursivas e contextuais, e até mesmo com o próprio projeto tradutório. Desta maneira, escolhas realizadas por Shelby como, por exemplo, a reconfiguração de orações menores no sistema de transitividade, poderiam ser menos vistas como ocasionais ou deliberadas do que como reflexos de uma questão mais ampla do projeto tradutório da obra, qual seja, a mudança do gênero literário tipicamente rosiano, estória, para um outro, mais aproximando do gênero *short story* consagrado em língua inglesa.

REFERÊNCIAS

- BAKER, M. *In other words: a coursebook on translation*. London: Routledge, 1992.
- BARBOSA, F. L. C. Anotações acerca da tradução alemã de Grande sertão: veredas. In: DUARTE, L. P. et al. (Org.). *Seminário Internacional Guimarães Rosa (2001: Belo Horizonte) Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2003.
- CARTER, R. SIMPSON, P. *Language, discourse and literature: an introductory reader in discourse stylistics*. London: Routledge, 1989.
- CATFORD, J. C. *A linguistic theory of translation*. Oxford: University Press, 1965.

- DINEEN, M. João Guimarães Rosa. In: CLASSE, O. (Ed.). *Encyclopedia of literary translation into English*. v.1. London: Fitzroy Dearborn, 2000. p. 595-596.
- GOHN, C. A desautomatização traída?: Grande sertão: veredas em tradução inglesa. In: DUARTE, L. P. et al. (Org.). *Seminário Internacional Guimarães Rosa (2001 : Belo Horizonte) Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2003.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M.A.K. Linguistic function and literary style: an enquiry into the language of William Golding's *The Inheritors*. In: *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973.
- HALLIDAY, M.A.K. On language in relation to fuzzy logic and intelligent computing. In: WEBSTER, J. (Ed.) *Computational and quantitative studies*. London: Continuum, 2005. (The collected works of M.A.K. Halliday, v. 6, cap. 9, p. 196-212).
- HALLIDAY, M.A.K., MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M.A.K.; McINTOSH, A; STREVEN, P. D. (Ed.). *The linguistic science and language teaching*. London/New York: Longman, 1964.
- HATIM, B. MASON, I. *The translator as communicator*. London: Routledge, 1997.
- LEECH, G. N., SHORT, M. H. *Style in fiction: a linguistic introduction to english fictional prose*. London: Longman, 1981.
- LEUVEN-ZWART, K. van. Translation and original: similarities and dissimilarities I. *Target*, v. 1, n° 2, p. 151-181, 1989.
- MAGALHÃES, C. M. Da coesão como recurso de continuidade do discurso. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C. M., PAGANO, A. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004. p. 210-245.
- MARTIN, J. R. Beyond exchange: appraisal systems in english. In: HUNSTON, S., THOMPSON, G. (Eds.) *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2001. cap. 8, p. 142-175.
- MARTIN, J. R. et alii. *Working with functional grammar*. London: Arnold, 1997.
- MARTIN, J. R., ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London: Continuum, 2003.
- MENDES, E. A. M. A recepção da obra de Guimarães Rosa na Alemanha e na Itália. In: DUARTE, L. P. et al. (Org.). *Seminário Internacional Guimarães Rosa (2001 : Belo Horizonte) Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2003.
- MUNDAY, J. Problems of applying thematic analysis to translation between Spanish and English. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n.3, 183-214, 1998.
- PAGANO, A. Organização temática e tradução. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 247-299.
- PERRONE, C. A. A obra rosiana na América do Norte: tradução, recepção, crítica e ensino. In: DUARTE, L. P. et al. (Org.). *Seminário Internacional Guimarães Rosa Veredas de Rosa n° 1*. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2000.
- RÓNAI, Paulo. Prefácio. In: ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *The third bank of the river and other stories*. Tradução de B. SHELBY. New York: Alfred A. Knopf, 1968.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olimpio Editora, 4a. ed, 1976.
- STOCKWELL, P. *Stylistics*. London: Routledge, 2004.
- THIBAUT: An Interview with Michael Halliday. In: STEELE, R., THREADGOLD, T. (Ed.). *Language topics. Essays in honour of Michael Halliday*. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987.
- THOMPSON, Geoff. *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold, 2002.
- TORSELLO, C. T. How Woolf creates point of view in *To the lighthouse*: an application of systemic-functional grammar to a literary text. *OPSL*, n° 5, p. 159-174, 1990.
- VIERA, E. Latin America: translation studies. In: CLASSE, O. (Ed.). *Encyclopedia of literary translation into English*. v.1. London: Fitzroy Dearborn, 2000. p. 810-815.